

**DEANS' CORNER**

Os grandes temas da atualidade nacional e internacional e as tendências da gestão analisadas pelos diretores das principais Escolas de Negócios portuguesas. Escrevem Clara Raposo, Daniel Traça, Filipe Santos, Maria de Fátima Carioca, Maria João Cortinhal, Ramon O'Callaghan e Rui Soucasaux Sousa.



**CLARA RAPOSO**  
Dean do ISEG - Lisbon School of Economics & Management  
Universidade de Lisboa

# Teleférias!?

**T**êm sido provações atrás de provações de há 16 meses para cá. Passámos do desconhecimento ao medo. Com o medo, passámos ao confinamento e à sua aceitação. No verão de 2020, tivemos tréguas e conseguimos ter férias no país – fora de casa (os mais sortudos) ou mesmo em casa – com algumas cautelas na socialização, mas com a possibilidade de sair à rua, a restaurantes, a esplanadas, a praias. Percebemos no outono que nada estava seguro ainda. E, mesmo com as primeiras boas notícias de vacinas, com o inverno veio nova necessidade de pôr travão a fundo. Tudo para casa outra vez.

Nos primeiros 12 meses da pandemia, aproveitámos para experimentar e aprender muitas coisas novas, em especial na nos-

sa forma de trabalhar, de consumir e de vender. Vimos alguns setores e negócios adaptarem-se a formatos remotos (como o ensino com aulas à distância ou a restauração com mais entregas ao domicílio), vimos o crescimento de encomendas online, vimos crescer negócios digitais que desenvolvem ferramentas para que outros setores consigam funcionar à distância. No meio de tudo isto também vimos a manutenção, de forma presencial, daquelas atividades essenciais ao nosso respirar do dia a dia, seja no setor da saúde, seja nos supermercados, por exemplo. Sofreram mais aqueles setores que não viram forma de se adaptar adequadamente a um formato digital ou remoto, como o turismo, alguma cultura ou a aviação.

De uma forma ou outra, na maior parte das atividades económicas, aprendemos a viver e funcionar de outra forma: o teletrabalho e as reuniões online foram uma novidade a que nos habituámos. Tal como os mais novos se habituaram a telescola, telestudar e teleaprender. Claro que não há de ser para sempre assim. No futuro, há esperança de podermos vir a escolher quando queremos estar num modelo de trabalho ou noutro. Mas também há que assumir que, para a cultura organizacional, é importante que exista uma presença física e um espaço partilhado – é algo que nos faz sentir também mais humanos e sociáveis.

Depois das semanas dramáticas de janciro e da acalmia que se seguiu, começou-se a falar em desconfinarmos a partir da primavera. Para a liberdade mais plena das pessoas e para a economia poder crescer mais (se bem que muitas atividades, melhor ou pior, se adaptaram ao modelo remoto.) Nessa altura, manifestei o meu ceticismo pes-

Sou capaz de tolerar e funcionar em teletrabalho. Mas não quero experimentar teleférias. Não quero telessentir o vento na cara, nem telessentir o sal no cabelo nem telessentir o sol a aquecer a pele.

soal a quem me é mais próximo: não que eu não me quisesse sentir mais livre e que a economia crescesse mais. Mas temi que o que está a acontecer agora viesse a acontecer: uma espécie de nova vaga já com o verão entrado. Podíamos ter sido mais pacientes, teletrabalhando e continuando a tomar conta dos miúdos em casa, vacinando ao mesmo tempo e arriscando menos uma abertura precoce da economia que nos leva a travar logo a seguir outra vez...

As minhas prioridades seriam outras. São as prioridades de quem tem trabalhado e teletrabalhado nos seus limites neste último ano. Eu só pedia, em março, que não estragassem as férias no verão – as minhas e as dos outros portugueses. Que não nos obriguem a estarmos fechados em casa nos meses de calor, ainda por cima preocupados com doenças. Sou muito franca quanto a esta confissão. Não acho que seja uma fraqueza nem uma futilidade. Sou capaz de tolerar e funcionar em teletrabalho. Mas não quero experimentar teleférias. Não quero telessentir o vento na cara, nem telessentir o sal no

cabelo nem telessentir o sol a aquecer a pele, nem estar no sofá da sala a imaginar que estou a ler à sombra de um toldo na praia. Não inventemos as teleférias. Vamo-nos proteger até lá. ■



Coluna semanal às terças e quartas-feiras